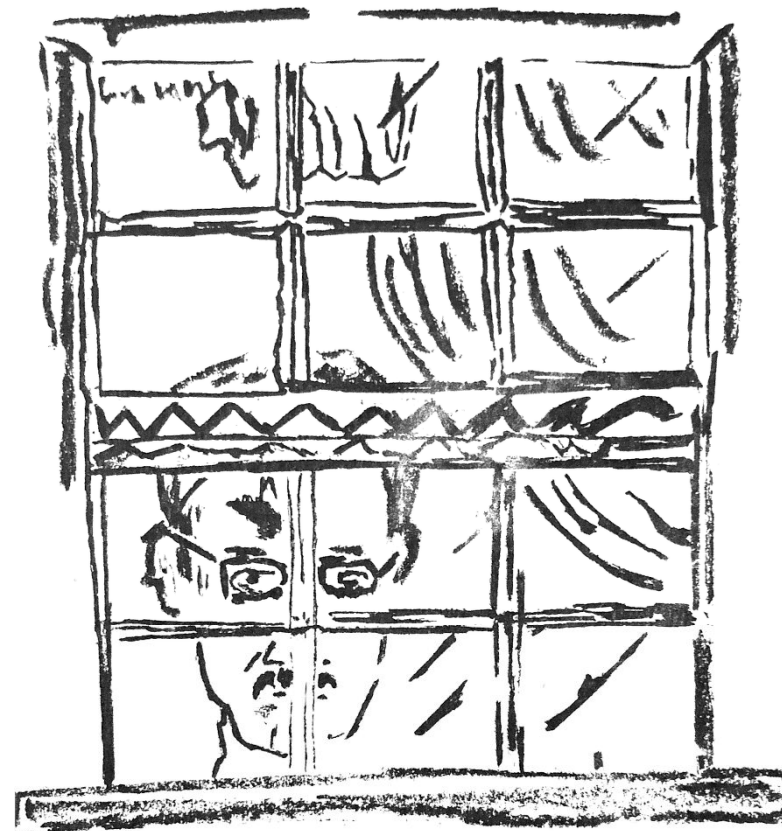


VIDRAÇA ANTIGA

Poesias de Pérez Filho



VIDRAÇA ANTIGA

POESIAS DE

Perez filho

HOMEM	102
DIVAGAÇÕES.....	103
GOSTAR DE MIM.....	104
BALET DE IMAGENS	105
EU GOSTARIA	106
CÉU DE PÁSSAROS	107
ABSTRAÇÃO	108
MAS QUEM SOU EU.....	109
MEU BRINQUEDO	110
PALHAÇO TRISTE.....	111
GESTOS	112
SONETO DE ESTRELAS.....	113
BENDITO SEJAS	114
TUDO.....	115
AVE MARIA.....	116
TEMPESTADE	117
MULHER.....	118
MOCIDADE.....	119
SONHO	120
CONSELHO	121
TRANSFORMAÇÃO	122
SAUDADE	123
MULHER.....	124
MEU FILHO.....	125
MÃE DE MEUS FILHOS	126
LEMBRANÇA.....	127
A MINHA VIDA	128
FINADOS.....	129
CABELOS BRANCOS.....	130

*Da sensação à percepção há uma tênue linha
que transita entre o Artista e Você.*

Perezfilho

<https://www.perezfilho.com.br>

EU.....	40
NINGUÉM.....	41
CONFUSÃO.....	42
EMOÇÕES.....	43
A LUTA.....	44
LEMBRANÇA.....	45
A MULHER E AS ROSAS	46
SEDE DE VIVER	47
NEM SEMPRE	48
ONTEM E HOJE.....	49
O OLHAR DE JESUS DE NAZARETH	50
EU AMO A LUZ	51
MOMENTOS.....	52
CÉU DE ESTRELAS.....	53
ELE.....	54
RAZÕES	55
ESQUECER	56
BASTA.....	57
A ÁRVORE E O POETA	58
SONHO	59
MOMENTO DOIS.....	60
ENQUANTO	61
PASSAGEIRO.....	62
FORMA ANTIGA	63
PRA QUE MENTIR?.....	64
AMOR INFINDO.....	66
PERAMBULANDO	67
DÚVIDA	68
NATAL DO POETA.....	70

Em sombria cela do mundo das sombras,
Enfiou o destino apenas a matéria
De um verdadeiro vate.

A falta da retina vivaz e observadora
Poderia abater o ânimo de fracos,
E até de fortes.

A uma porta que se fecha,
Outra pode abrir-se. Pode abrir-se
Uma porta secundaria. Pode-se abrir
Saída de emergência...

Mas, os tocados pelo estigma da provação
Parte fazem dos escolhidos,
De maior envergadura e força.
Força física ou moral,
Intuitiva, criativa, humana ou divina.

Podem os abrolhos abater ânimos
De simples e humildes;
Podem derribar ricos e poderosos,
Abalar estruturas físicas e morais.

E mudar conceitos e costumes.
Podem murchar muita inspiração,
Como desacalentar belos sonhos...
Até consumir vidas extemporaneamente.

SOBRE O AUTOR



Pérez Filho (Hélio Fernandes) nasceu em 06/06/1917, na cidade de Avanhandava, no Estado de São Paulo. Pintou o primeiro quadro aos 13 anos, "Jesus no Horto das Oliveiras", e iniciou na poesia aos 19. Foi professor de desenho e fundou as Escolas de Desenho e Pintura de Penápolis e de Belas Artes de Bauru. Fez teatro amador, escreveu, produziu, dirigiu, interpretou e criou coreografia e, ao longo de sua carreira, também foi pintor de propaganda de cinema. Em 1972 pintou seu último quadro, "Cristo na cruz".

Em 1980, lançou seu primeiro livro de Poesias, "Há sempre uma razão", participou de diversos recitais de poesia e mostras de pinturas e esculturas em diversas cidades do Estado de São Paulo, tornando-se Membro Honorário da Academia Bauruense de Letras.

Em 1987, publicou o livro "Vidraça Antiga" e, em 1998, o livro "Os que vem de longe". Sua obra foi publicada pela primeira vez na internet em 1996, no site www.perezfilho.com.br.

Faleceu em 29/06/1998, aos 81 anos, deixando um livro inédito, "Sonetos de Pérez Filho", publicado em 2021.

Só não tens desânimo, abatimento.
Canta. Nas tuas horas tomadas pela deusa da noite
Onde conta o sentimento,
Divagando até o negrume infinito,
Formando imagens tateáveis,
Quase concretas, só sentidas
Pelos verdadeiros poetas; Lá onde voam,
Evoluem, dançam e se transformam imagens
Formados em desesperançados sonhos,

Lá no fundo, no âmago do seu sentimento,
Ainda perduram, ainda vivem, ainda falam
As imagens passadas pela tua retina,
Tocadas pelo teu pincel,
Formados pela tua inspiração
E cristalizadas pelo teu valor.

Continua a cantar. Continua, meu amigo...

POEMA DE ESTAR SÓ

Depois da terna e sólida palmada
Que despertou o meu primeiro pranto
Mostraram-me que minha caminhada
Seria ora de dor ora de encanto.

Segui a meta para mim traçada
Sonhei os lindos sonhos de criança
Brinquei a vida pela minha estrada
E fiz meu mundo farta de esperança.

Jovem, vibrando ideias excitantes,
Dancei a vida e todos seus encantos,
Amei amores ternos e inconstantes
E ornamentei de luzes os meus cantos.

Feliz da vida por estar vivendo
E ter da vida todos os encantos
E que senti que estava envelhecendo
Indiferente aos meus sentidos prantos.

Será que devo agora adormecer
Nos braços das lembranças do passado
Olhando apenas para trás sem ver
Que existe ainda chão pra ser andado?

Para aquela
que me fez
um homem
FELIZ:
MINHA FAMÍLIA

Perez filho

SÓ

Sinto-me só agora, mas enfrento
A dura realidade sem chorar
E muitas vezes ponho-me a cantar
Reconquistando a calma e novo alento.

Eu vou compondo versos de esperar
Num positivo e nobre pensamento
Afugentando as trevas de um momento
De frustração que possa me alcançar.

Eu cantarei as horas de sonhar
Quando meu céu sem nuvens rebrilhar
E a solidão passar despercebida.

Por mais que a luta árdua me entristeça
Confesso, por incrível que pareça
Cantando eu amo muito mais a vida.

Pela vidraça antiga, antigamente
Eu via a natureza, risos, gente,
E a vida, enfim, vestida de alegria,
Quando a tristeza não aparecia
E o meu cantinho não entristecia
De horas de espera amargas e vazias.

Pela felicidade a espera é vã
Até amanhecer outro amanhã
E outra vez eu acordar criança
Para viver sem medo, só brincando
De ser feliz e a vida sempre olhando
Pela vidraça antiga de esperança.

JUDAS

Tu vens de muito longe e és o mal
Vagando há dois mil anos pelo mundo,
Misto de homem e de monstro, oriundo
de uma traição num gesto desleal.

Tu vens de muito longe e és profundo
E rude caminhante do anormal,
Embora o sorriso de um normal
Às vezes em teu rosto cale fundo.

Tu vens de muito longe e és um artista
E representas bem um fantasista,
Mas continuas autêntico, não mudas.

Se nas mulheres vivem Madalena,
Vives também nos homens e apenas
Porque tu vens de longe e és o Judas.

ÀS VEZES

Às vezes sou jogado abruptamente
Contra um rochedo em pleno mar violento
Mas sem temer, navegador valente,
As artimanhas do destino enfrento.

Às vezes sou jogado meigamente
Contra os ingênuos braços de um momento
De paz, mas sem magoar, de alma ardente,
As ilusões do amor viver eu tento.

Às vezes sou jogado sem piedade
Contra meu mundo farto de lembrança,
Mas sem calar o pranto da saudade.

As mutações sentidas do destino
Eu brinco e enfeito a vida de esperança
Como se eu fosse ainda um menino.

TARDE DEMAIS

Um dia sorrindo tu por mim passaste,
Olhei-te e tu com toda tua vaidade
Deixaste-me chorando de saudade,
Qual uma flor que já despetalasse.

Amor, carinho, tudo recusaste,
Partindo em busca da felicidade
E onde luz e flores encontraste,
Deixaste a treva e espinhos de maldade.

Hoje chorando para mim voltaste
Olhaste-me e sorriste com bondade,
Qual uma flor no pranto que choraste.

Tarde demais, querida, regressaste.
E de outro amor essa felicidade
Que um dia, sorrindo, para traz deixaste.

DIVAGAÇÕES

Se aos dias antigos eu voltar pudesse
E um pouco mais com eles eu ficasse,
Talvez tudo que eu já fiz já não quisesse
E instantes mais iguais eu caminhasse.

Talvez minha tristeza não quisesse
Ficar ao lado meu e transportasse
Ao meu olhar que aos poucos entristece
Uma alegria imensa e lá ficasse.

Mas não seria melhor eu conservar
Como ele é meu hoje simplesmente
E ter meu ontem só para lembrar?

Se os dias antigos ora retornassem,
Vendo os que enfeitam hoje meu presente,
Talvez fartos de inveja até chonassem.

DESAFIO

Eu saio à rua de cabeça erguida
Desafiando o pranto de desgosto,
Que a nuvem chora tão entristecida
E para deixá-la castigar meu rosto.

Ferido pela chuva comovida,
Em sombras meu olhar caminha exposto
A punição talvez bem merecida
E pra deixá-la castigar meu rosto.

A chuva pelos meus cabelos brancos,
Acaricia, brinca e se emaranha,
A provocar os meus sorrisos francos.

O pranto dela desafia o meu
Para na luta de quem perde ou ganha,
Saber quem chora mais, se ela ou eu.

NOS

Confesso que até hoje eu não sei
Por que naquele dia nós brigamos
E eu ingenuamente despertei
Dos sonhos bons que juntos nos sonhamos.

Confesso que até hoje eu não sei
E nem me lembro se nós dois choramos,
Ou se fui eu sozinho que chorei
Quando sentidos nós nos separamos.

Confesso que até hoje eu não sei
Se desse amor nós nos lembramos,
Ou se esquecer tentaste, ou eu tentei.

Se foi um sonho e dele eu acordei,
Se foi real e muito nos amamos,
Confesso que até hoje eu não sei.

CABELOS BRANCOS

Aquele preto velho, tão velhinho,
Trazia ao rosto uma expressão de fera.
Tinha o cabelo branco, bem branquinho
Mas a expressão, seria mesmo de fera?

Não sei! Mas penso que esse velho espera,
Na sua loucura, é louco o pobrezinho
Mostrar que o homem em juízo é uma pantera,
Ou tem do sangue, ao menos um pouquinho.

O velho é louco, fala e gesticula,
Vive a dançar, a rir, não se encabula.
Não sabe o que é bondade nem maldade.

Indiferente pela vida aos trancos,
Leva esta frase em seus cabelos brancos:
"Rio-me de ti, ó louca humanidade"!

O CORAÇÃO

Por que o coração bate ao compasso
De um grande amor, acelerado ou lento,
Como se fosse o caminhar do vento
Que imutável vai cortando o espaço?

Por que será que o coração vive o momento
Indiferente, envolto de fracasso,
Como se fosse graça num palhaço
A gargalhada em forma de lamento?

Por que será que o coração sendo um amigo
Deixa também em nós como castigo
A insegurança, a mágoa e inconseqüências?

Será que o coração, esse soldado
Que bate forte e marcha denodado,
Só se acovarda à frente da ciência?

A MINHA VIDA

A minha vida anda mais vazia
Que as mãos daqueles que de porta em porta,
Procuram enchê-las quando se transporta
Pelas migalhas do seu dia a dia.

Minha voz cantava, hoje quase morta,
Antes ornada sempre de alegria
Enfraquecida e triste silencia,
Toda palavra que o amor exorta.

A inspiração se perde dos meus passos
A poesia queda-se em pedaços
Adormecida pelo esquecimento.

A minha vida é como tantas vidas,
Que ora alegres, ora entristecidas,
Vivem felizes só por um instante.

A MINHA RUA

Eu olho com carinho a minha rua,
A ruazinha escura e tão estreita
E penso que é infeliz e contrafeita
Onde em silêncio a magoa perpetua.

Eu olho com tristeza o que flutua
Em cada poça d'agua não desfeita
A imagem de uma nuvem que insinua
Que pra chorar a minha rua foi feita.

A minha rua hoje tão deserta,
Mas de almas boas antes povoada,
Só de saudades hoje está coberta.

Se ela em meus olhos de poeta lesse
Que eu também vivo sonho e não sou nada,
Talvez por mim ela não mais sofresse.

MÃE DE MEUS FILHOS

Mulher, és esposa, mãe e filha!
Tu foste uma filha amorosa
Porque soubestes seguir sempre a trilha
Que te ensinou tua mãe tão carinhosa.

Tu és agora a esposa que palmilha
Cheia de fé, de amor, essa gloriosa
Estrada do dever, onde uma filha
Transforma-se numa esposa piedosa.

Es mãe e mãe que segue as diretrizes
Das mães que fazem lares bem felizes,
Que sofrem toda a vida por seus filhos,

Trazes nos lábios sempre, criatura,
Sorrisos para os dias de amargura.
“Bendita seja tu, Mãe de meus filhos”!

NADA

Eu não nasci chorando, mas à entrada
Chorei o meu protesto ao ter chegado
Depois de ter sentido uma palmada
Que despertou o pranto meu guardado.

Segui a meta para mim traçada
Cantei a vida sempre engalanado
De paz, de amor e de humildade e em cada
Canto guardei um ideal sonhado.

Vivi meus ternos sonhos de criança,
Amei as flores, aceitei espinhos
E fiz meu mundo farto de esperança.

Hoje, olhos em sombras, voz magoada,
Corpo vergado aos anos de carinhos,
Chorei envelhecido de ser nada.

MULHER

Mulher! Sublime e eterna criatura?
A tua voz o mundo se descobre,
Rende homenagens cheias de candura,
Quer sejas tu afortunada ou pobre.

Se nos teus lábios paira uma candura,
Embora intencionalmente nobre,
Teu coração transforma-se em clausura,
Da dor que o teu sorriso triste encobre.

Se uma rajada fria te alcançar
E te fizer viver a vida aos trancos
O teu sofrer Deus há de iluminar.

Hão de brilhar os teus sorrisos francos
E ante a tua cruz o mundo há de adorar
O “Amor Materno” em teus cabelos brancos.

CANTA

Se queres caminhar feliz, liberto,
Canta as manhãs de luzes multicores
Da natureza esteja sempre perto,
Aceita espinhos e abençoa as flores.

Se o teu caminho se torna deserto,
E tua alma se vestir de dores,
Afugentando seu presente incerto,
Relembra do passado teus amores.

Se queres caminhar feliz da vida,
Leva teus dias só de frente erguida,
Sem discussões, sem mágoa, sem revolta.

Se não quiseres caminhar em vão,
Componha versos, canta uma canção,
Verás gente sorrindo à tua volta.

TRANSFORMAÇÃO

Pintor famoso, certa vez pintou
um Jesus Cristo. E para essa tela,
depois de procurar muito, encontrou
um jovem de expressão serena e bela.

Anos depois, querendo expor, pensou
pintar um Judas. Pôs-se, então, aquela
expressão vil a procurar. Andou
por muito tempo, até que numa cela

imunda e fria, a expressão de fera
viu. Pintou-o. Jamais ele quisera
um Judas semelhante assim ter visto.

Foi quando ao ver o Cristo que o pintor
fizera, o mísero falou: Que horror!
Fui seu modelo para esse Cristo!

A ARTE

Toma o cinzel, artista, vai esculpindo
Sem ver que à tua volta o mal e o bem
Estão se digladiando e submergindo
Toda a grandeza que a humildade tem.

Deixa que os olhos teus passem sorrindo
Como tuas mãos que a inspiração contém,
Pela tua obra quando vai surgindo
Um novo sonho que da arte vem.

Se todos pela arte procurassem
E nela as horas boas ou más vivessem,
Talvez felizes menos alcançassem

A amargura, a dor e caminhassem
Mais o amor e a vida compreendessem
Fazendo-a cantar quando chorassem.

SONHO

Sonho. E antes os meus olhos, continua
O desfile. E a caridade passou,
Seguindo firme por aquela rua,
E como as outras, foi e me deixou.

O amor, olhando com desprezo a lua
Tendo o pecado ao lado, não fitou
A musa inspiradora, bela e nua,
Olhou-me. Nada disse e passou.

Porém, certa visão fazia dó
Vê-la passar tristonha. Era a verdade.
Já tão envelhecida e caminhava só.

Sofria por certo a falta de um abrigo.
Falhei-lhe: Fica! E ela com bondade:
Não. Tu és homem, és meu inimigo.

VELHO POETA

Vamos, velho poeta, acorda. Canta
Os teus bonitos versos e levanta
A tua fronte e os teus cabelos brancos.
Caminha sob as luzes das estrelas,
Que aos olhos teus que já não podem vê-las
Hão de voltar sorrisos ternos, francos.

Assim, agora, lento pela noite
Sem te importares quando um novo açoite
Ferir teu rosto ora serenado,
Segue cantando os teus antigos versos
Que em alegrias e em prantos submersos
Ornamentaram amores do passado.

Se ver pudesse, velho caminhante
Da eterna poesia, nesse instante,
Como as estrelas dançam de sorrisos,
A escuridão de luz se iluminando
E a solidão das sombras se afastando
Como a guiar teus passos imprecisos ...

Quando o cansaço aos ombros teus pesar
E o vento aos teus ouvidos murmurar
Para embalar-te uma canção antiga,
Tu dormirás um longo e belo sonho
E acordarás num mundo mais risonho
Para compor tua última cantiga.

MULHER

Aquela mãe, que assim tão conformada,
Chorava a morte do seu filho amado,
não reclamava, não dizia nada,
pois blasfemar sabia ser pecado.

Foi quando então, e sem ser esperado
Entrava o esposo, tendo agasalhada
Uma criança que ele havia achado
Numa cestinha à porta abandonada.

Tomando aquele ser, que então chorava
Ela esse novo filho acalentava,
Era mulher e a mulher nasceu.

para ser mãe, eis a verdade.
E aquela mãe que chorou de vaidade,
Pôs-se a cantar ... e o filho adormeceu.

PALHAÇO

Para cobrir do rosto o duro traço
Que a vida impõe num labutar constante,
O povo aplaude em gritos neste instante,
O pranto amargurado de um palhaço.

Qual um mendigo a porta de uma igreja,
Buscando o pão para matar-lhe a fome,
Sem ver-lhe a alma, sem saber-lhe o nome,
Busca um palhaço o povo e rir deseja.

No entanto mostra a lágrima sentida
Na mas cana de dor tão comovida
Que causa riso o pranto de um palhaço.

A gargalhar o povo a dor encobre,
Mas graças ao artista que a descobre
E traz só ele a alcinha de palhaço.

(1943)

AVE MARIA

A tarde vai morrendo lentamente
Tudo é quietude, harmonia e paz
E o badalar dos risos, suavemente,
Ao nosso coração, consolo traz.

Ave Maria! Instante comovente,
não há nessa hora um coração capaz
de ficar mudo, frio, indiferente,
porque ele sabe o bem que a prece traz.

O homem do campo, esse trabalhador,
Encosta a enxada reza com ardor,
E ensina os filhos a temer a Deus.

- Rezando assim o pão de céu lhes vem?
Não! Aprendei, ó pais, isto também
Nem só de pão vivem os filhos seus!

OS MEUS CAMINHOS

Se os meus caminhos fossem de voltar,
Eu voltaria de novo para vê-la,
Embora sem saber se ao chegar
Eu não pudesse mais reconhecê-la.

Se os meus caminhos fossem de pousar,
Eu pousaria junto de uma estrela,
Embora sem saber se ao ficar
Eu não pudesse mais comigo tê-la.

Se os meus caminhos fosse de lembrar,
Eu lembraria com saudades dela,
Embora envelhecido de esperar.

Eu só teria a vida pra cantar
As alegrias de findar com ela
Se os meus caminhos fossem de sonhar.

BENDITO SEJAS

Já escreveu o poeta: A esperança
É uma ilusão que nasce da Desgraça!
Essa verdade acorda-me a lembrança
E qual o vento me conforta e passa.

Bendito seja aquele que não cansa
De esperar de Deus a grande graça
De não seguir pela desesperança
Que qual a ave ao seu redor esvoaça.

Bendito seja aquele que sofreu
E viu no sofrimento uma ilusão
E aos braços da esperança envelheceu.

Se envelhecendo envolto em fantasia
Sei que sonhar é não sofrer em vão
Bendita sejas tu, minha Poesia.

IMPRESSÕES

A máscara que a minha face cobre
E que parece a todos triste e feia
É a do poeta, desse artista nobre
Que mais que a sua, canta a dor alheia.

A solidão que o meu olhar encobre
E que afugenta a luz que tanto anseia
É a mensagem que a poesia descobre,
Onde o amor buscando a paz passeia.

As pedras que os meus passos ferem tanto
E que parecem tão resignadas,
São as festivas flores de meu canto.

As vozes que se calam no meu sonho
São o contraste das canções lembradas
Nos esquecidos versos que eu componho.

GESTOS

O meu primeiro gesto foi chorar
Depois de uma palmada rija e certa
E o meu segundo gesto foi brincar
A minha infância ingênua descoberta.

O meu terceiro gesto foi cantar
A mocidade de apreensões deserto
E o quarto gesto meu foi versejar
A minha vida de ilusões coberta.

E assim, de gesto em gesto, eu caminhei
Vivendo a espera, embora envelhecido
De realizar os sonhos que eu sonhei.

E hoje eu sei que em paz e sem protesto,
Se por um gesto mau em for ferido,
Será perdoar meu derradeiro gesto.

RODRIGUES DE ABREU

Foi cavalgando a ilusão sonhada,
Montado ao dorso terno da poesia,
Na embriaguez da inspiração cantada
Pelo seu verso envolto em fantasia.

Foi cavalgando a solidão do nada,
Talvez nascida numa noite fria
Ou na amargura de uma dor marcada
Pela manhã de triste sinfonia.

Foi cavalgando ao longo dos caminhos
Pela distância de não mais voltar,
Deixando em versos, flores sem espinhos.

Levando apenas versos como escudo
E ouvindo o céu de anjos a cantar,
Foi cavalgando para o fim de tudo.

(1981)

MEU BRINQUEDO

Eu fiz da minha vida um brinquedo
Porque foi esse o meu melhor presente
Que recebi ainda muito cedo
Quando o amanhã me era indiferente.

Eu fiz da minha vida um brinquedo
Porque foi ele que conscientemente
Sem causar desconfiança ou medo,
Me fez um homem simples, felizmente.

Eu da minha vida fiz um brinquedo
Ornamentado de alegrias e prantos
Por quem eu tenho uma ternura infinda.

Eu fiz da minha vida um brinquedo
Que há de durar, como meus ternos cantos,
Por toda minha vida, ou mais ainda.

As luzes caindo
Em busca de abraços
Deslizam sorrindo
Ornando teus braços.

As águas levaram
Meu sonho de amor
Na areia deixaram
Só ondas de dor.

A noite não fala
Mas logo sentiu
O sonho que embala
Teu corpo vazio.

A noite levou
Meu sonho mulher
Na areia deixou
Um corpo qualquer.

ABSTRAÇÃO

A exatidão das coisas inexatas
Que juntos a mim mantêm-se tão distantes,
Aclara minhas trevas ofuscantes
Das mais volúveis emoções sensatas.

Minhas caladas vozes tão cantantes
Desmancham-se permanecendo intactas
Nas rimas tão forjadas quanto inatas
Dos meus parados versos caminhantes.

Desfavoráveis temas favorecem
Adormecidas obras que aparecem
E que o silêncio em gritos desacata.

E quando calmo e frio estremeço
Eu chego ao fim apenas no começo
De uma visível poesia abstrata.

NINGUÉM

Ninguém tem o direito de zombar
De quem caminha o mundo fantasista
E muitas vezes queda-se a cantar
Indiferente à mágoa que contrista.

Ninguém tem o direito de calar
A voz serena de um idealista
Que muitas vezes queda-se a chorar
A dor de um mundo tão materialista.

Ninguém tem o direito de julgar
e destruir o seu antagonista
Ou friamente nunca pendoar.

E quando um cântico de amor passar
Será o poeta e esse nobre artista
Ninguém tem o direito de magoar.

EU GOSTARIA

Eu gostaria de levar nos braços
As flores dos caminhos que me restam
E não as pedras que ora infestam
As margens tremulantes dos meus passos.

Eu gostaria de ver os que protestam
Vivendo em pleno circo dos fracassos,
Não no sorriso amargo dos palhaços,
Mas nos aplausos que as plateias prestam.

Eu gostaria de ver em cada rosto
Que passa, não a marca de um desgosto,
Mas um sorriso franco de coragem.

Eu gostaria de ver no meu olhar
De ver imagens tristes, a dançar
Alegre, apenas minha triste imagem.

EMOÇÕES

Da eterna arte adormeci nos braços
Dentro de humildes ilusões sonhadas
E entrelacei as luzes aos pedaços
Dentro de escuras noites estreladas.

Feri de chão meus imprecisos passos
Dentro das ruas e ao longo das calçadas
E envelheci meu corpo de cansaços
Dentro de antigas mágoas disfarçadas.

Dancei de circo poesias magoadas
Dentro de palcos de comédia escassos
E ornamentei de pranto as gargalhadas.

Cantei de versos glórias e fracassos
Como um poeta de emoções jogadas
Dentro de um mundo farto de palhaços.

GOSTAR DE MIM

Eu gostaria de viver cantando
A vida envolta de ternura infinda
E meus dias caminhar chorando
Como se amores não tivesse ainda.

Eu gostaria de viver lutando
Por uma paz consoladora e linda
E não seguir assim me acovardando
Como se a vida já estivesse finda.

Eu gostaria de escrever poemas
Cantando em novos e antigos temas
Minha tristeza alcançando o fim.

Embora travestido de saudade,
Só prá alcançar minha felicidade
Eu gostaria de gostar de mim.

LEMBRANÇA

Eu me lembro do beijo que trocamos
Há muitos anos quando a juventude
Feliz brincava em nós e nos beijamos
Isentos de malícia e de inquietude.

Eu me lembro do dia que brigamos
Quando o amor em toda plenitude
Acovardou-se e então nos separamos
Crendo que a vida agrada, mas ilude.

Eu me lembro da mágoa que levaste
Quando sentidos não mais nos falamos
E da saudade infinda que deixaste.

Eu me lembro que longe esquecemos
Que das mentiras todas que sonhamos
Só foi verdade a briga que tivemos

HOMEM

Como se fosse um rústico brinquedo
Que pela vida muito foi brincando,
Hoje me encontro quase em segredo
Na estante envelhecido do passado.

Eu que cheguei à mágoa muito cedo
Pensando às alegrias ter chegado,
Sou página de um livro sem enredos,
De um livro antigo, marginalizado.

Ferido de abandono escrevo versos
Deixando-os solitários e dispersos,
Onde as lembranças do passado dormem.

Viver em paz eu procurando venho,
E hoje comigo essa certeza eu tenho:
Chorando ou rindo sempre fui um homem.

SEDE DE VIVER

Nas minhas mãos o submisso barro,
Nos lábios pende trêmulo o cigarro,
No ar em ondas tênues a fumaça.
Na alma o dom sensível de esculpir,
Ne olhar um novo Sonho de sorrir,
Nas mãos a arte infinda que não passa.

A arte é a eterna amiga do passado,
O sonho seu eterno namorado
E o sentimento a vida desses dois.
O barro castigado não me culpa,
Finda o cigarro nas não se desculpa,
Pois sabe que outros mais virão depois.

Se tremem os meus passos sobre a areia,
Meu corpo para, oscila, cambaleia
E os dias meus caminham de sofrer,
Todos se juntam e de mãos unidas,
Transformam minhas horas mais sentidas
Numa infinita sede de viver.

GRAÇAS A DEUS

Vagando só em todos os espaços
Qual uma leve solitária pluma
Segue meu corpo farto de cansaços
A procurar, talvez, por coisa alguma.

Queria levar só flores nos meus braços
E não negar carinho a nenhum
E afastar dos meus calados passos
As pedras dos caminhos, uma a uma.

Em cada canto do meu mundo triste
Uma sonora gargalhada existe
Como a zombar dos sentimentos meus.

No entanto levo a cruz que eu mesmo quis
Como poeta cantador, feliz
Na dor e na alegria. Graças a Deus.

ONTEM E HOJE

Ontem rasguei uma porção de versos
Ao encontrá-los entre os meus guardados
Feridos de abandono e dispersos
Pois não gostei de vê-los tão magoados.

Pelo calor das frases, submersos
Quedavam-se passivos e calados
Como se os temas só no amor imersos
Lhes parecessem já ultrapassados.

As horas tão antigas de nós dois
São pedacinhos, restos de esperanças
Nos nossos versos que virão depois.

Hoje eu sinto aqui no meu cantinho.
Que, do meu mundo farto de lembranças,
Ontem rasguei apenas um pouquinho.

DEPOIS

Anda tão mal este meu mundo antigo
Que já nem sei se tenho raiva ou pena,
Se para mim é apenas um castigo
E lamentá-lo já não vale a pena.

Até a solidão fica comigo
E sem pedir licença me condena
A sem protestos conviver consigo
Magoando minha vida antes serena.

Logo em seguida chega a lembrança
Da infância e da juventude, onde
Havia em cada canto uma esperança.

Mas eu e a poesia, só nós dois
Vamos lutar e ver se a gente esconde
De agora o mal prá ter o bem depois.

EU AMO A LUZ

Eu amo a luz e adoro a claridade
Do sol que nos tortura e nos castiga
E odeio a noite, fria escuridade
E traiçoeira, que se diz amiga.

Eu amo a luz que mostra a realidade
Que qual o vento a face nos fustiga
E odeio a noite mansa que a maldade
Vela o rosto humano e tece a intriga.

Eu amo a luz e sei que se na face
A alma não vemos como rude açoite
E porque talvez o mal já nos cegasse.

E, amando a luz que o bem e o mal revela,
Odeio sempre mais e mais a noite
Vivendo acovardado dentro dela.

MUDANÇA

Nunca pensei que sonhos navegassem
Por mares tão estranhos e violentos
E que os seus barcos frágeis naufragassem
Em medo e em aflitos pensamentos.

Nunca pensei que os dias caminhassem
Por pedras, por espinho e tormentos
E que as noites longas só chegassem
De pesadelos e ressentimentos.

Nunca pensei que amores do passado
Voltassem a enfeitar o meu sonho
Deixando-me feliz por ter lembrado.

E que a saudade ansiosa pra voltar
Ornamentasse os versos que eu componho.
Nunca pensei que eu voltasse a cantar.

CÉU DE ESTRELAS

Então? Acorda velho trovador
Eleva para a noite a tua seresta
Mostrando o violão que ainda resta
Do teu antigo mundo sonhador.

Não sabes que hoje ninguém mais se presta
A dar à noite uma canção de amor
E só a solidão e o desamor
São caminhantes dessa antiga festa?

Recorda ruas desertas, pequeninas,
Emoldurando lampiões de esquina,
Silenciando sonhos nas janelas.

Será cantar a tua eterna meta
Enquanto houver na terra um poeta
E o céu da noite se enfeitar de estrelas.

JOVEM

Jovem! Tire da vida o que puder
De bom e justo que ela tem pra dar
E não se esqueça nunca de cantar
A natureza e o belo que ela der.

Tire da vida a vibração do mar,
Quando em violenta fúria ele vier,
Mas quando em calmaria ele estiver,
O marulhar das ondas dançar.

Jovem! Tire da vida a sua dor,
E faça dela uma canção de amor
Envolta em frases fartas de meiguice.

E assim vivendo aos braços da bondade,
Enquanto é jovem e tem vitalidade,
Tire da vida uma feliz velhice.

RAZÕES

Eu gosto de estar só no meu cantinho,
Ora tomando a argila esculpindo,
Ora escrevendo verso e sorrindo,
Mostrando a alma envolta de carinho.

Acaba quase sempre se ferindo
A flor que vive ao lado de um espinho
E de mostrar-se tanto um passarinho
Numa gaiola acaba sucumbindo.

Estando só, a arte me transporta
Do mundo fantasista e me conforta,
Mesmo sem ser lembrado por ninguém.

Estando só não há ressentimentos
Por ter vivido alguns dos meus momentos
Aprisionando ou ferindo alguém.

NÓS

Enquanto a morte não nos ronda à porta
Devemos enfeitar a nossa vida
Com todo amor que nossa fé comporta
Deixando nossa estrada mais florida.

Enquanto a esperança não é morta
E nossa fé não é enfraquecida,
Seguimos a palavra que conforta
E nos ajuda a enfrentar a vida.

Enquanto a noite traz apenas sonho
E o mundo nos parece mais risonho,
Nos alcançamos sempre a mesma meta.

Assim espero caminhar meus dias
Cantando a vida farta de alegrias
Enquanto deus me faz viver poeta.

BASTA

Agora, amigos, basta de fingir,
Mostrar uma alegria que eu não tenho,
Dizer palavras ternas e sorrir,
Quando chorando há muito tempo venho.

Eu ando lento, farta de cair
Como se aos ombros um pesado lenho
Não me deixasse à frente prosseguir,
Embora grande fosse meu empenho.

Os pés feridos de tropeços tantos,
Olhos cansados, corpo envelhecido
E a voz emudecida dos seus cantos,

Hoje o poeta, quase ao fim da estrada
Diz aos seus versos ternos, comovido:
“Agora, amigos, basta de ser poeta”.

DISFARCE

Pobre de quem sem ter uma esperança
Caminha às tontas tateando a vida
Como se fosse uma imbecil criança
Pelo seu mundo de brincar, perdida.

Pobre de quem o sofrimento cansa
E guarda n'alma a última ferida
Sorrindo apenas quando na lembrança
Do amor a hora antiga bem vivida.

Pobre de quem sem resignação
Não vê que o pó do espaço dos caminhos
Retornará um dia para o chão.

Pobre de quem a vida entristeceu,
Não vê as flores, só caminha espinhos
E não disfarça e canta como eu.

SONHO

Eu gostaria, confesso, de viver
Num mundo diferente, mais certinho,
Onde os problemas para resolver
Bastasse eu apertar um botãozinho.

Onde eu pudesse, alegre, oferecer
À minha volta flores e carinho,
Fazendo sempre desaparecer
Todas as coisas ruins do meu caminho.

Mas como outros tantos é um sonho
Que sempre vem para enfeitar a noite
De quem deseja um mundo mais risonho.

Onde vivesse só o amor profundo,
Sentisse um beijo em cada novo açoitado,
Como um poeta vive no seu mundo.

POETA

Poeta, amigo, é aquele que escreve
Tudo o que à sua volta vê e sente
E que a dor e a alegria descreve
Do mesmo modo, franca e simplesmente.

Poeta, amigo, é aquele que se atreve
A imaginar seu mundo diferente
E que se põe a exaltar a neve
Que em seus cabelos dorme docemente.

Poeta, amigo, é aquele que a breve
E meiga poesia deixa ciente
Que sua cruz não é pesada, é leve.

Poeta, amigo, é aquele que prescreve
A sua felicidade, o consciente
Que pode ser feliz, mas ... que não deve.

ENQUANTO

Enquanto os tristes olhos meus vagueiam
Buscando a luz, fugindo à escuridão,
Os imprecisos passos meus tateiam
Buscando a paz, fugindo à solidão.

Enquanto os ternos versos meus se alteiam
Buscando o amor, sorrindo a ilusão,
Os meus caminhos longos se incendeiam
Buscando o fim, fugindo à dor em vão.

Enquanto os dias meus se fazem cores
E o sol contente pinta a natureza
Para enfeitar a vida só de flores,

As minhas noites cantam pesadelos
Para dormir em mim só a tristeza
Enquanto a prata acorda meus cabelos.

MUDANÇAS

Já desenhei em forma de mensagens
Desde as figuras ternas das crianças
Aos figurões grotescos e selvagens
Em luz e sombra, um mundo de lembranças.

Pintei as árvores, os rios, montanhas,
Figura humana, enfim, a natureza,
Ferindo as tintas em fusões estranhas,
Pintando a vida em toda sua beleza.

Agora que não posso mais pintar,
Fazer, a cores, minha arte em festa,
As minhas mãos eu ponho a modelar,
Vivendo a inspiração que ora me resta.

As mesmas mãos que acendem cigarro
Que se desmancha em nuvens de fumaça,
Acariciam em êxtase o barro
Continuando o sonho que não passa.

Já desenhei as pedras dos caminhos,
Pintei sorrindo as flores de viver.
Hoje modelo a vida de carinhos
E faço versos para não sofrer.

FORMA ANTIGA

Usar a forma antiga de poesia
É se firmar no rol dos antiquados,
Dos saudosistas já ultrapassados,
No mundo lírico de fantasia.

Enaltecer os ideais sonhados,
Cantar do amor a humilde sinfonia
E se privar do impacto da magia,
Da gíria ou palavões sofisticados.

Emoldurar poéticas mensagens
É o colorido poluir de imagens,
Perambulando sem achar pousada.

Falar de amor em poesias rimadas
É hoje o fim de todas as picadas,
É amar, é ser poeta e é ser nada.

QUEM É ESSE HOMEM?

Quem é esse homem de cabelos brancos
Como se fosse um feliz menino
Mostrando seu mundo ingênuo e pequenino?

Quem é esse homem de cabelos brancos
Que mais parece um vivo peregrino
Ao lado de alegres saltimbancos
No picadeiro triste do destino?

Quem é esse homem de olhar triste
Que brinca às vezes de ficar contente
E segue firme e luta e resiste?

Esse homem que feliz envelheceu,
Que agora está de um grande espelho à frente,
Ora! É o pai dos filhos meus! Sou eu!

Pra que mentir ao riso da criança
Que faz da vida o seu melhor brinquedo,
Se eu sou o pranto amargo da lembrança
Que espera só seu amanhã de medo?

Pra que mentir relendo os meus poemas
E tudo que escrevi num dia antigo,
Se eu sou na poesia de sonho apenas
Mais um poeta em busca de abrigo?

Se a importância da verdade é tanta,
Que mesmo triste às vezes faz sorrir
E a mentira apenas desencanta,
Meu canto tem razão, para que mentir?

SÚPLICA

Um dia pedi a Deus que iluminasse
Os meus caminhos longos de seguir,
Que em todos eles eu não encontrasse
Alguns espinhos para me ferir.

Um dia pedi a Deus que me deixasse
Brincar de ser poeta pra sentir
Que em todos os momentos eu cantasse,
Meu canto fosse em versos de sorrir.

Um dia pedi a Deus uma velhice
Tão boa quanto foi a meninice,
Levando aos ombros da humildade o manto.

E foram tantos os pedidos meus,
Que hoje de joelhos peço a Deus
O seu perdão por ter pedido tanto.

PERAMBULANDO

Perambulando em busca da pousada,
Qual um mendigo que de porta em porta
Busca uma esmola só encontrando o nada,
De uma palavra que a piedade exorta;

Perambulando em busca de uma estrada,
Qual uma luz que a escuridão conforta,
Ouvindo a voz que se quedou calada
Numa seresta há muito tempo morta;

Perambulando em busca de uma paz,
Qual um artista cultivando o sonho,
Buscando amores sem olhar atrás;

Perambulando em busca da meiguice,
Qual um poeta versos eu componho
Para exaltar minha feliz velhice.

ALEGRE E TRISTE

O que de triste tenho na lembrança
E que me deixa um pouco magoado,
Não é a dor de caminhar desde o passado
Sonhando sonhos que jamais se alcança.

O que de alegre tenho lembrado
E que me traz um pouco de esperança,
Não é por ter em mim desde criança
O dom de ser artista bem marcado.

O que de bom eu tenho neste instante
É ser ainda o terno caminhante
Levando ainda o mesmo amor de outrora.

Levando a poesia como escudo,
Trago nos versos que eu componho, tudo
O que de alegre e triste tenho agora.

(1986)

Estou cansado de sorrir, cantar,
Mostrando aos outros que não sei chorar,
Quando sozinho em prantos me desfaço,
Emoldurando as marcas de desgosto
No meu antigo e solitário rosto,
Como se o sorriso amargo de um palhaço.

Estou cansado dessa confusão,
Mostrando a realidade, a ilusão,
Quando meu verso perambula a esmo
E acariciando brinca e se emaranha
Em mim mais essa dúvida estranha:
“Não estarei cansado de mim mesmo”.

DESEJO

Quero ser hoje humilde passarinho,
Bem pequenino, leve como uma pluma,
Quero deixar pela primeira vez meu ninho
E procurar, talvez, por coisa alguma.

Quero enfeitar minh'alma de carinho,
Beijar as árvores uma por uma
Sem ver se existe pelo meu caminho
A luz do dia, ou da noite a bruma.

Quero voar, sorrir evoluções,
Viver minha primeira liberdade
E povoar o espaço de canções.

Quero voltar depois, envelhecido,
Adormecer nos braços da saudade,
Para acordar feliz por ter vivido.

PENSANDO BEM

Todos os anos neste mesmo dia
me invade uma tristeza, uma agonia,
ao lembrar um dia muito antigo,
a prova única da nossa briga,
que sem saber porque guardei comigo.

Se àquele instante retornar pudesse
e o que escreveu na carta ela dissesse
à minha frente, eu não sei, mas creio,
embora envolto só de fantasia,
que de joelhos lhe suplicaria
perdão pelo papel que eu fiz ... tão feio.

No entanto, é tarde pra voltar atrás,
o que passou passou, não volta mais
e quem errou, não tem mais jeito.

E assim ficamos, já aconteceu,
eu cá sem ela e ela sem eu,
e se é castigo, tudo bem ... bem feito.

Melhor que fique mesmo só a lembrança
daquela imagem linda de criança
por quem minh'alma hoje tanto anseia.
Depois de tantos anos, não convém
só agora vê-la, pois pensando bem,
tal como eu deve estar velha e feia.

SERÁ

Os dias meus estão escurecendo
E as tardes rubras vão entristecendo,
Por mais que eu queira que não venham noites.
Será que a escuridão trará estrelas
Para que, olhando o céu, eu possa vê-las
Como carinhos e não como açoites.

Os meus amigos, ora tão escassos,
Da indiferença deitam-se nos braços,
Por mais que deles falta ainda eu sinta.
Será pieguice minha ou piedade
Sentir que essa infeliz humanidade
Esteja de amizades tão faminta?

Os meus amores vão se distanciando
E cada um o seu viver melodiando,
Por mais que eu queira junto a mim detê-los.
Será que para mim já não é tarde
Para fazer do meu amor alarde
Ou egoísmo meu tentar prendê-lo?

À nossa volta passam Colombinas
Sofisticadas sempre circulando,
Apenas suas roupagens femininas,
Da moda, escravas vão se transformando.

Os Arlequins, amantes gozadores,
Dentro das mais variadas fantasias
Passam cantando e desprezando amores,
Numa fusão de sensações vazias.

E esses Pierrôs, eternos sofredores
Que às ilusórias mutações resistem,
São raros, mas confesso sem temores,
Que entre máscaras, ou não existem.

Há Colombinas de beleza infinda,
Astutos Arlequins no amor imersos
E alguns Pierrôs que vão sonhando ainda,
Vivendo por aí comendo versos.